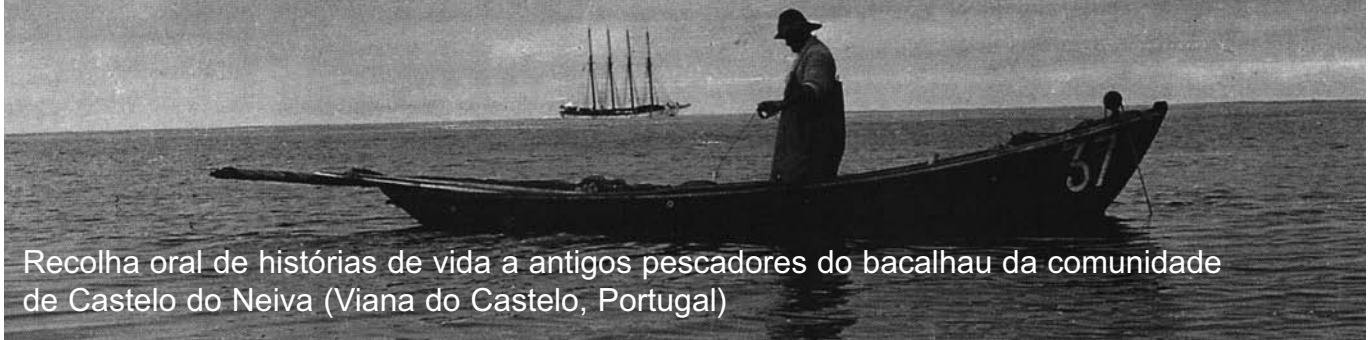




A PESCA DO BACALHAU



Recolha oral de histórias de vida a antigos pescadores do bacalhau da comunidade de Castelo do Neiva (Viana do Castelo, Portugal)

A pesca á linha com dóri. Ao largo o "Argus". Album de Alan Villiers

Esta entrevista, inserida no trabalho de campo sob o tema: *A pesca do Bacalhau, recolha oral de histórias de vida de antigos pescadores*, por parte da Associação Barcos do Norte junto da comunidade de antigos pescadores do Bacalhau de Castelo do Neiva foi realizada em 07 de Fevereiro de 2005 por **João Baptista** e tratada por **Ivone Magalhães** (comentários, notas de rodapé e arranjo ideográfico a partir de um guião tipo elaborado para a entrevista).



Identidade:

- Sou **Joaquim Sampaio de Azevedo**, o "Bucha".
 - Sou natural da freguesia de Vila Nova de Anha, que pertence a Viana do Castelo. Nasci em 26 de Janeiro de 1939, tenho 66 anos, vivo no Castelo do Neiva que é a última comunidade piscatória tradicional do concelho de Viana do Castelo.

O seu apelido "Bucha" como surgiu?

- Foi o meu falecido pai que me pôs o nome quando eu nasci, só por uma pergunta que um irmão dele, o meu falecido padrinho lhe fez, porque eu nasci no hospital, coisa rara naquele tempo... A minha mãe foi-me ter no hospital e eu pesava 5.5 kg.
 - O falecido meu padrinho para o meu pai: - *Então Manel, que tal, a São¹ já teve a criança?*
 - *Sim teve um bucha graúdo.*
 - Ficou-me assim o nome, nunca mais passou, até que

o meu falecido pai e a minha falecida mãe nunca me chamaram Joaquim, era sempre "Bucha" abaixo e "Bucha" acima, a minha mulher igual, ficou assim o meu nome, todo temos apelido, nós os pescadores.

Com que idade começou a andar ao mar?

-Comecei a andar ao mar aqui no nosso "mar do castelo" com 14 anos. Aqui pela nossa costa.

E na pesca do bacalhau?

-No bacalhau foi com 20 anos, em 1959.

Porque é que escolheu andar na pesca do bacalhau?

-Para me livrar à tropa, naquele tempo era preciso para livrar à tropa andar 6 anos seguidos ao bacalhau. Chamava-se a Tropa do Bacalhau.
 - Eu fugi mais à tropa por isto: Eu casei com 19 anos e aos 20 estava viúvo, vi-me assim e disse: bom! Vou pró bacalhau pra livrar à tropa. Fiz lá seis anos seguidos pra livrar a tropa. Num passei esses anos e acabou, fui enganado. Quando acabei a tropa do bacalhau tive de fazer mais 3 anos, fui obrigado pelo Tenreiro senão ia refractário para a tropa e isso não me convinha, pois os refractários eram os que eram apanhados a fugir à tropa e davam-lhe os piores sítios de combate, era para morrerem, eram carne para canhão... por isso no fim continuei, fiz nove anos só para a tropa... Ganhava dinheiro, mais do que se estivesse na tropa mas no fim, não sei se foi boa escolha. Fiz nove campanhas e depois para ganhar mais dinheiro fiz uma viagem ao Alasca a fazer um carregamento de bacalhau.

1.- São, diminutivo de Maria da Conceição, o nome da mãe.





Em que navios andou embarcado?

- Andei no navio *São Gabriel* seis anos, no navio *Ilhavense* dois anos, e no navio *Sotto Maior* fiz duas campanhas, dez campanhas ao todo.

De onde eram os navios em que esteve embarcado?

- O *Sotto Maior* era da praça da Figueira da Foz, o *Ilhavense* da praça de Aveiro. O *São Gabriel* era de Lisboa, da Empresa Pascoal e Filhos, Luso-brasileira.

Que categoria desempenhava a bordo?

- A bordo era salgador. A minha categoria era salgador, os pescadores é que iam pescar e no fim de cada faina à linha no barquinho "Dóri" ainda vinham para bordo tratar do peixe, escalar, salgar, partir cabeças, tinham que fazer de tudo. Mas à parte dos pescadores havia pessoal da companhia que tinha uma única categoria a bordo, como os maquinistas, os electricistas, os redeiros... cada um tinha o seu emprego, havia outros, normalmente os moços de primeira viagem a que chamávamos "verdes", porque não sabiam ao que iam, que tinham como função ajudar em tudo e aproveitar nas tripas do peixe o fígado para fazer o óleo, e nas cabeças aproveitar as caras e as línguas. Num navio daqueles cada um tinha a sua função, cada um tinha o seu emprego.

Como era a pesca à linha?

- Os barcos do bacalhau naquele tempo não eram de arrasto (os navios-arrastões de borda lateral), por isso levavam dentro 40 a 60 "Dóris", uns barquinhos



As linhas são aladas com auxílio das nepas



Colecção da Direcção Geral de Turismo

pequenos em madeira feitos de tábuas ao alto, do tamanho de um homem só, que se empilhavam e amarravam uns aos outros em cima do convés. Os dóris eram de pesca à linha, andavam à vela e a remos. Quando rompia o dia, muito cedo, o Capitão mandavam arriar os dóris para o mar, já com o homem dentro, que ficavam a baloiçar pendurados por cima das ondas.

- Os navios eram a motor, como o nosso, quando eram grandes, mas os outros eram à vela e tinham motores fraquinhos que auxiliavam nas manobras que eram todas à vela. Eram assim, dos que conheci, o *Argus*, o *Creoula*, o *Manuela*, o *Avis* o *António Coutinho*, o *Hortense*, o *D. Diniz*, o *Gazela*, o *Oliveirense*, que tinham máquinas pequeninas e usavam velas pra navegar².

Como era a vida a bordo?

- A vida a bordo era trabalhar, passar fome e ser maltratados.

E a nível de camaradagem entre os pescadores?

- Os pescadores davam-se todos bem uns com os outros.

E com o Capitão como era o relacionamento?

- Nós tínhamos de nos dar bem senão o capitão mandava-nos prender. Só nos ameaçava com prisão, com cadeia.

2. Estes *Navios de linha*, como eram chamados para distinguir dos modernos Arrastões, eram pintados de branco e levavam nas bordas laterais e no painel de popa a pintura da bandeira nacional estilizada a verde e vermelho com uma esfera amarela a meio entre os dois quadrantes. A navegar à vela eram todos brancos, com excepção do quadradinho de cor da bandeira. Internacionalmente eram reconhecidos por *White Fleet*, ou Frota Branca, e constituíam uma das mais obsoletas frotas de pesca longínqua com alguns navios a operar há mais de 25 anos. O último Navio de Linha da White Fleet a regressar a Portugal, por ordem do Governo português, foi o navio *Gazela*, depois da Revolução militar e popular do 25 de Abril de 1974 que pôs fim a uma ditadura fascista de 48 anos. Hoje o *Gazela* foi vendido e é um navio-Museu nos E.U.A.. Está no porto de Filadélfia, a fingir que é um navio bacalhoeiro Americano...



A refeição a bordo de um bacalhoeiro. Arquivo do Museu Marítimo de Ílhavo

Tem conhecimento de alguns que tenham ficado presos a bordo?

- **Atão**³! Só num navio que eu andei e numa só viagem de uma vez foram 7 presos a bordo. Só por reclamar do comer.

- Porquê?... Porque às quintas-feiras o cozinheiro dava batatas aos pescadores. Duas batatas a cada um. Mas repare... vinha o ajudante (do cozinheiro) com o saco às costas, encostava-se ao **caldeiro**⁴ e ia o cozinheiro com uma faca e cortava o fundo ao saco. Descarregavam as batatas dentro do caldeiro

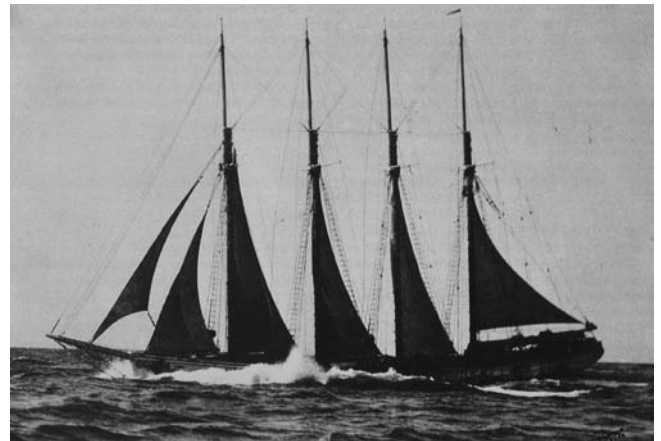
-Não eram lavadas nem descascadas, iam com terra e tudo e cheias de **grelas**⁵, iam a cozer em água salgada. Depois, o cozinheiro, dava um prato ao postigo da porta com duas batatas. Nós arrancávamos os grelos para as podermos comer, parecia **esparguete**⁶ a arrancar. Eram batatas **direitas**⁷ cosidas em água salgada, pior do que em terra os lavradores cozinhavam para dar aos porcos e às galinhas... os pescadores reclamaram e o capitão mandou-os prender. Por reclamar as duas batatas.

Como era a alimentação a bordo?

- O comer era sempre igual. Fritavam peixe para quinze dias, enquanto não acabasse comíamos sempre e não podíamos reclamar. Era xízarros⁸, cavala, sardinha... o mesmo peixe que usávamos para a isca... às vezes já depois de encher o porão com bacalhau fresco para salgar, também serviam bacalhau, do pequeno, se havia de ir borda fora... Já havia ordens para escolher o bacalhau por tamanhos, chamava-se "bitola" à medida mínima que era no mínimo um palmo de comprimento, do lombo ao rabo⁹.

- A água para beber levava uma medida de meio quartilho¹⁰, uma canequinha assim pra beber e se lhe apetecesse outra já lha não davam. Banhos?... para lavar os pés davam um litro de água de 8 em 8 dias, e só quando havia água com fartura, senão lavava-se com água salgada, se nem água para beber havia...

- Aos pescadores que iam nos dóris, para arriar para fora nos botes, para 15, 20 ou até 30 horas que eles ficavam sozinhos no meio do mar, longe do navio e às vezes no meio do nevoeiro, davam uma manada de figos ou uma manada de azeitonas, ou duas postas de peixe frito e um pão¹¹, mais nada. Era fome!



O lugar "Brites" construído em 1936

3. Atão, termo popular comum a toda a província do minho litoral e que significa "então".

4. A panela de cozinhar.

5. Grelas: quando a batata espiga para a semente e cria raízes por fora.

6. Massa italiana em fio.

7. Direitas: sem cortar em duas metades, como normalmente se faz quando se cozem em água.

8. Aqui diz-se também surêlos ou carapaus, conforme o tamanho.

9. O pescador só saía do dóri após todos os peixes serem descarregados e podia verificar se as contas davam certo. Depois de ajudar a empilhar o dóri e a desempatar as linhas e preparar tudo para a próxima pescaria não ia descansar, ia direto para a banca do trote ajudar. Mas se já tinha chegado no fim e já haviam muitos pescadores a ajudar ele ia para um dos porões ajudar na salga do peixe, que era salgado em compartimentos de madeira e removidos quase diariamente de um compartimento para outro (diz-se quete a cada compartimento). Ao remover de um lado para outro o peixe verificava-se o grau de salga e de frescura do peixe pois com muita água misturada com o sal podia apodrecer. Assim, com este trabalho diário salvava-se a pescaria. Por dia moviam-se a bordo destes navios várias toneladas de sal à pá. A salga do peixe nunca foi mecanizada para garantir a vigilância sobre a sua frescura.

10. Um quartilho, medida antiga para líquidos correspondia a 250 ml. Um quartilho era 125ml, ou seja, um único copo de água por refeição.



Portada de "A memória dos Bacalhoeiros", António Marques da Silva, 1999.
Foto de Friedrich W. Baier

- Toda a vida assim, em meia hora no navio comíamos 80 homens, punha-se o Capitão na porta do rancho e o Imediato¹² noutra a olhar para a companhia a comer. Num quarto de hora comiam 40, noutro quarto de hora outros 40, se naquele quarto de hora não tivéssemos acabado de comer o Capitão dizia: - *Ei ops! Comer fica! Vamos embora pró trabalho.* O comer ficava e nós íamos trabalhar.

- Era assim a vida, era esta. Estava mau tempo e não se arreava pra fora e o Capitão dizia: - *Ó mestre!. Dê erva a essas vacas que estão na côrte que hoje não vão pastar pra fora.* Quer dizer, estava mau tempo e nós não íamos pescar e ele tratava-nos por vacas. - *Dê erva a essas vacas que estão fechadas na côrte*¹³. *Não vão para fora.*

- Era a vida assim, a nossa vida assim era uma vida triste, era uma vida ingrata, mas tinha que ser, tínhamos de passar aqueles sacrifícios, era aquele regime, era aquele regime...

- Ora muitas vezes quando estava muito mau tempo

seguido, um, dois, três dias, o capitão dizia: - *Ó mestre! Reduza lá o comer.* Ora se ele já não era nenhum, e não prestava nem nada, reduzir para metade... O cozinheiro ainda tinha um bocado de consciência... Ele não obedecia. Ele dizia: - *Aqui na cozinha mando eu,* dizia ele. *Não vou deixar de dar de comer à companhia.* Era no comer, peixe frito, peixe cozido, peixe frito, peixe cozido, era o fado, era sempre o mesmo fado, mais nada! Peixe frito ou peixe cozido! Melhor que as duas batatas...

-Para variar nalguns navios davam às terças-feiras chispes¹⁴ com o cabelo (pêlo) no meio das unhas que era de uns 2 a 3 cm... os chispes cheios de lixo, não lavavam aquilo, aquilo era cozido assim na água salgada: - *bota para as bandejas e comei porcos, com feijão vermelho, botai e comei pr`aí.*

-Animais. Aquilo era uma pouca-vergonha, pouca-vergonha, mas tínhamos que aguentar. Tínhamos que aguentar mesmo, tínhamos.

Quanto durava em média a campanha?

- Saíamos daqui no dia 2 ou 3 de Abril e chegávamos aqui no dia 24 ou 25 de Outubro, era muito tempo, seis meses. Era muito tempo. Seis meses!



Os pescadores do "Creoula". Arquivo do Museu Marítimo de Ílhavo

11. Conforme a região de origem do cozinheiro, se era do norte dava broa de milho com menos de meio quilo de peso Se era do sul dava tipo sêmea, um pão de mistura de farinhas, com trigo e centeio, duro como um biscoito e também com quase meio quilo de peso mas que era maior, porque a farinha de milho retinha mais água na cozedura e o pão pesava mais e era mais pequeno que a sêmea.

12. Imediato: oficial, na hierarquia, imediatamente a seguir ao comandante do navio ou Capitão (daí o nome). Alguns navios não levavam Capitão graduado como comandante mas um Piloto de 1ª Classe, que na viagem anterior no mesmo navio e companhia já tinha assumido como Imediato.

13. Côrte ou côrte . O mesmo que eido ou curral. Lugar onde as vacas se resguardam do frio.

14. Pé de porco. Patas salgadas cortadas a meio.





Cuidados de Higiene e Saúde?

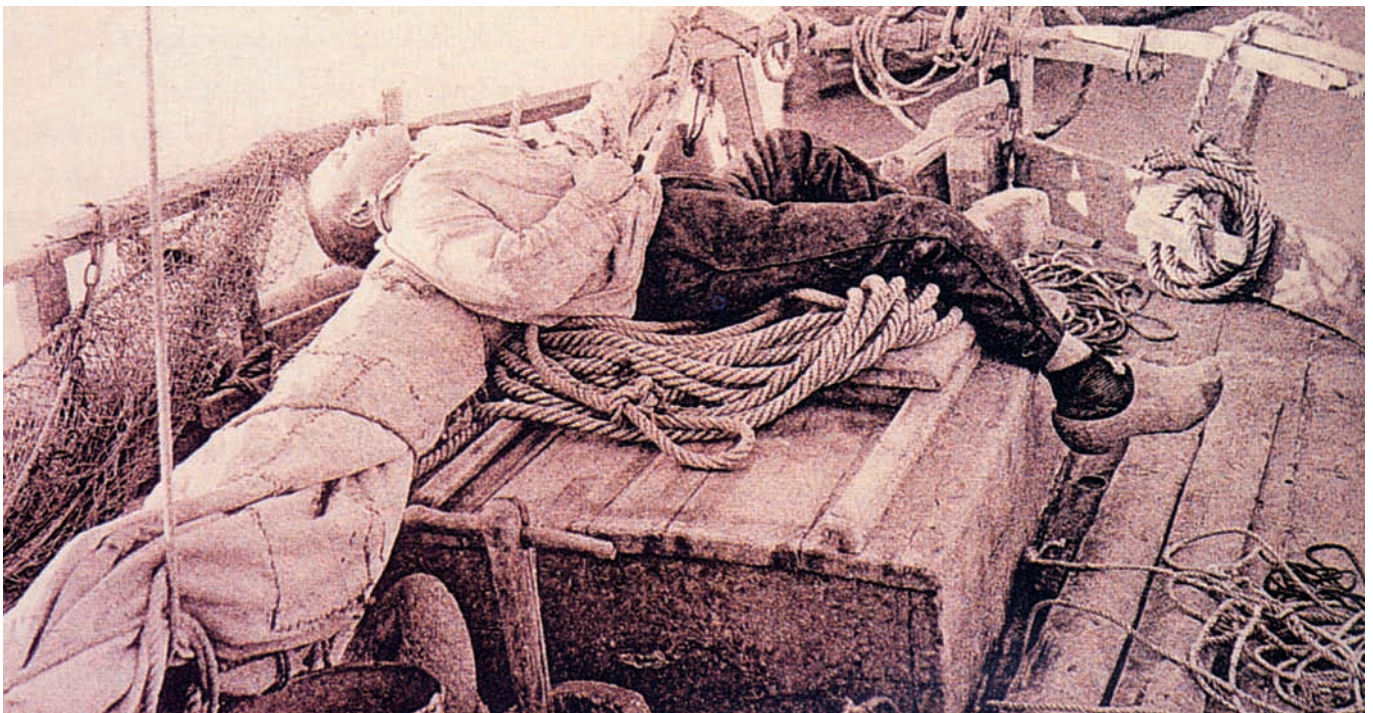
- Banho, nunca soubemos o que era tomar banho nesses seis meses que durava cada viagem.

- Lavar a cara para acordar era com a água do mar, as mãos e os pés, quase sempre também era com a água do mar. Davam-nos 1 litro de água doce de 8 em 8 dias. Era melhor bebê-la se tínhamos aonde. Alguns já espertos nisto, que já andavam nisto há muito tempo, tinham um garrafão pequeno ou uma garrafinha. Levavam de terra para bordo às escondidas dos mestres e do Capitão um garrafão de vinho, umas broas de pão, uns nacos de toucinho de porco salgado¹⁵, que iam comendo às escondidas. Normalmente isto durava pouco tempo e alguém se encarregava de inspecionar os sacos de cada um e roubar tudo e nunca era ninguém, mas às vezes lá nos safávamos com alguma coisa.

- Com a roupa que íamos era a que trazíamos. No princípio sujava-se uma e arrumava-se. Mas depois aprendíamos e ia-se vestindo enquanto aquela roupa durasse, quando já não dava, íamos atrás buscar a que já tínhamos usado antes para vestir outra vez, que não havia vagar para lavar roupa nem água nem nada. Nós tínhamos pouco tempo de descanso, muitas vezes entre cada turno ditos quartos que eram de 4 em 4 horas nuns navios e de 6 em 6 horas noutros, parava-se uma ou duas horas, para dormir.

- Chegava-se a trabalhar 20, 25 ou 30 horas seguidas sem paragens para dormir quando o peixe era muito. Tínhamos que dar conta do recado. Muitas vezes os pescadores, depois de mais de 20 horas na escala e no trote (abrir, esviscerar e descabeçar o peixe) saíam para fora nos botes ainda a dormir para pescar outra vez... era por isso, talvez, que os homens se perdiam e já não voltavam quando o capitão mandava tocar o sino, a tocar a reunir os botes, que ouviam aquele sinal e vinham ao encontro do navio para serem içados para bordo. Era uma miséria. Alguns estavam tão longe que demoravam horas a vir. E o sino ia tocando para eles se orientarem até regressar o último. A vida do bacalhau até é triste falar nela, ao que nós passávamos lá...

- Os Capitães já se igualavam com estes ladrões que eram os chefes da equipa do bacalhau, já iam combinados com eles e pronto, a companha tinha que ser martirizada. E davam pancada nos pescadores, pelo menos em alguns. Que eu até pensei que podia ir preso toda a vida, mas se um capitão um dia me chama para me dar pancadas, já levava uma faca no bolso, já levava a faca de escala no bolso, se me viesse para me dar, cortava-lhe logo o pescoço rente, logo, e eu ia preso para toda a vida mas também o cortava... Ai cortava. Aquilo era uma vida escrava que até punha um homem tolo. Deus me livre!...



Jovem marinheiro a descansar a bordo de um navio bacalhoeiro

15. Nacos de toucinho: Pedacos salgados de pele de porco com uma camada de gordura de 3 a 6 cm. Fatias de barriga de porco salgada com a pele



Tratamento do bacalhau a bordo do navio. Aprox. 1930

E a vida nos dóris, como era a pesca?

- Nos dóris quando se arriava era o dia todo, cada um por si quanto mais pescasse mais ganhava, então eles davam ao pescador 25 escudos por cada 100 kg de bacalhau, é que cada quintal de bacalhau eram 60 kg, mas eles punham 100 por causa de descontar o que saía depois de tirar a cabeça, as tripas e o fígado, mas é que eles da cabeça ainda aproveitavam a cara e a língua, do bucho tiravam o fígado e aproveitavam para o óleo de fígado de bacalhau, e da espinha tiravam o que eles chamam o sano da espinha, só deitavam a espinha limpa ao mar, e davam-nos por cada 100kg 25 escudos. O quintal de bacalhau limpo e o resto era pra eles... No fundo pagavam-nos por 60 Kg e nós pescávamos 100 Kg. A diferença ia para eles.

E alguma história que o tenha marcado?

- Outras historiais que me lembre?...
- Bem...Muitas. Morrer homens no nosso navio só morreram dois, afogados, perderam-se e desapareceram com o mau tempo, dizemos que se afogaram, mas nunca mais ninguém os viu... e o mais era quando os navios iam ao fundo, ardiam, estavam velhos...
- A verdade é que esses navios velhos tinham que ir ao fundo, já era combinado na empresa, no fim da viagem, o seguro pagava, que nunca se viu arder um navio com mau tempo, era sempre com bom tempo, com tanto vento como está aqui, e o mar assim raso.
- Num ano meteram 7 navios ao fundo... No ano de 1966 foi o navio *António Coutinho* mas esse foi mesmo com o mau tempo, com o esforço do motor

incendiou na casa da máquina, pegou fogo na máquina, andávamos 5 navios a fazer revessa¹⁶ a ele que estava a arder e também a recolher a sua companha que estava nos botes. Esse ardeu com o mau tempo.

- O mais de maus-tratos, fome, sacrificados, porcos, tínhamos de tudo. Que andávamos todos porcos, que metia nojo a gente quando íamos a St. John's¹⁷.

- Tínhamos vergonha que íamos tão pôdres com o lixo no corpo e na roupa, tínhamos vergonha de sair a terra, e era uma vergonha aquilo para a Nação de Portugal, que até o comandante do navio – hospital *Gil Eanes* já não deixava sair ninguém a terra, já sabia como nós estávamos, Deus me livre.

- Via-se tudo pela beira marítima, mulheres jovens, aquela rapaziada, aqueles homens, a passear. Canadianos. Mas a nós não nos deixavam sair à terra, não é que tivessem vergonha por nós, tinham por eles próprios por nos ter a nós Portugueses naquele estado assim. Todos pôdres com o lixo. Deus nos livre.

Falou no *Gil Eanes*...

- O *Gil Eanes* era um navio hospital, que levava mantimentos, isca para os navios, correspondência do correio, encomendas, levava tudo, às vezes até sal para algum navio que tinha perdido o sal!- Mas praticamente os oficiais do *Gil Eanes* eram tudo pelos patrões das empresas e pelos capitães dos navios, não eram eles pelas companhas!...

- Eles não iam dar apoio e auxílio à companha e rebai-xar um Capitão ou um Imediato. Isso nunca! Às vezes havia queixas de maus tratos e até de assassínios e eles nem ligavam: Uma vez falou-se que um Capitão de Ílhavo mandou um homem borda fora e deixou-o morrer afogado... Éramos todos tratados como animais, pior que animais ainda, era uma vergonha aquilo, uma vergonha, mas tinha que ser, para nós tinha que ser, tínhamos que passar sacrifícios na vida, muitos sacrifícios para nos mantermos vivos...

Em jeito de conclusão o que nos diria?

- Dizia que ainda bem que hoje as coisas são diferentes. A pesca ainda é dura mas os riscos são menos e as pessoas já são tratadas de outra maneira. São tratadas como pessoas. Naqueles tempos éramos tratados como animais.

16. Revessa: protecção, abrigo. Manobra que os navios faziam às vezes quando se punham entre o vento e o navio avariado para lhe dar alguma protecção e permitir arriar os botes e os salva-vidas nesse espaço de tempo. Com a ondulação e o vento os botes podiam ficar debaixo do costado do navio que os descarregava e esmagar-se antes mesmo de iniciarem a viagem para salvamento.

17. St. John's of New Foundland ou São João da Terra Nova. Principal porto bacalhoeiro da New Foundland, a Ilha da Terra Nova que o Português de Viana do Castelo (viagem de João Álvares Fagundes, capitão da Terra Nova entre 1502-1503) descobriu e se perdeu para a coroa Espanhola com a rectificação exigida por Castela ao abrigo do Tratado de Tordesilhas (1494). Actualmente a Ilha pertence ao Canadá.